

Na fragilidade que caracteriza, ainda, o tecido teatral português, é muitas vezes difícil falar de companhias, pelo que isso pressupõe de vivência artística prolongada e esteticamente reconhecível, tal como é difícil falar de repertórios, pelo que tal ideia sugere não só de um conjunto coerente de propostas dramáticas e/ou especificamente teatrais, mas também pelo que deveria garantir em termos de revisitação periódica de alguns espectáculos. E, contudo..., podemos afirmar não, talvez, algo de tão revolucionário como que a terra se move, mas, mais humildemente, que os projectos teatrais existem e se mexem. Em virtude de uma combinação delicada e sempre muito imprevisível de competências, talento e alguma, muitas vezes imprevisível, imaginação, vamos conseguindo encontrar – aqueles que

no teatro buscam ainda algum sentido e prazer para a existência –, de quando em quando, razões e ficções que nos acompanham no desgaste dos dias. Vem esta breve reflexão a propósito de uma curiosa ficção teatral criada por uma jovem companhia de teatro portuense, fundada por mais experientes profissionais. Refiro-me às *Atmosferas* do Ensemble-Sociedade de Actores.

Do mesmo modo que algumas companhias concebem ciclos temáticos ou outros, o Ensemble vem, desde 1998, incluindo um conjunto de espectáculos vários na sua programação a que, logo imediata e publicamente ou mais tarde e retrospectivamente, resolveu chamar *Atmosferas*. Partindo de espaços físicos, “ambientes sociais ou espirituais”, “climas”, textos, ou aspirações dos actores da companhia, num esforço continuado de pesquisa e experimentação, os dez espectáculos que, até ao momento, integram esta imaginativa proposta apresentam-se como extraordinariamente diversificados, tanto na sua assumida motivação como na variada felicidade da sua consequência artística.

Numa diversidade produtivamente capaz de desafiar a própria unidade do projecto que integram, estes espectáculos socorreram-se de materiais textuais da mais ousada variedade: desde o texto dramático, como unidade pré-existente, estrangeiro ou português, ou como encomenda ou convite a determinado autor nacional, à montagem avulsa de textos de diferentes géneros e registos, submetidos a graus também eles variados de intervenção dramaturgica. É assim

que encontramos, entre estes dez espectáculos, peças como *A Audição*, de Michel Deutsch (1998), *Dama d'Água*, do irlandês Frank McGuinness (2001), e *Luto*, de Jorge de Sena (2001), mas também verdadeiros originais, expressamente escritos para a companhia e para determinados grupos de actores, como *A Arte de Conversação*, de Luísa Costa Gomes (1998), e *Uma Casa Contra o Mundo*, de Nuno Carinhas (2001). Estes dois textos merecem um particular destaque. O primeiro por se tratar de mais um exercício sedutor de uma das talentosas e engenhosas escritoras portuguesas contemporâneas, com significativas incursões na criação dramática; o segundo por constituir, até à data, a única incursão do artista cénico Nuno Carinhas no domínio da escrita para teatro: oferecendo-se mais um “guião de diálogos” do que uma peça de teatro, *Uma Casa Contra o Mundo* resultava numa singular especulação “sobre o Tempo, o envelhecimento, a morte, a profissão, os afectos, o dia-a-dia das vidas fechadas”. Os restantes cinco espectáculos apoiaram-se ora em fragmentos dramáticos, como *Há Engano na Pessoa* (Deutsch, mais uma vez, e António Patrício, 2000), ora em textos não-dramáticos, como a poesia de Lorca nesse quase recital intitulado *Atmosfera Lorca* (1998), ou numa maior variedade de poemas, ensaios, prosas, registos epistolares, etc., como aconteceu em *Fantástico Feminino* (Camões, David Mourão Ferreira, Florbela Espanca, José Gomes Ferreira, Maria Teresa Horta, Eugénio de Andrade, Luísa Neto Jorge, Herberto Helder..., 2000), *Atmosfera Fumo* (outra vez Camões,

Espanca, Eugénio de Andrade, Jorge de Sena, José Gomes Ferreira, Patrício, mas também Sophia de Mello Breyner Andresen, Mário de Sá-Carneiro, Umberto Eco..., 2003), e *Então e a Música?* (Holderlin, Kafka, Tabucchi, Yeats, Bertolucci..., 2004).

Talvez que mais decisiva do que a matéria textual tenha sido a própria configuração transversal de alguns espectáculos, assente, muitas vezes, num diálogo mais ou menos intenso com a música, caso da presença da guitarra em *Atmosfera Lorca*, e sobretudo do intenso diálogo estabelecido com o piano de Jeff Cohen, em *Atmosfera Fumo*, espectáculo no qual os actores também cantavam! Diversa tentativa transversal foi a do mais recente *Então e a Música?*, espectáculo cuja fragilidade dramática era compensado pela participação inusitada do artista plástico José Rodrigues e pela activa intervenção de um rádio em cena.

Contudo, uma das dimensões mais assinaláveis, e inusitadas, de muitos destes espectáculos prende-se justamente com a “atmosfera” libertada pela inconveniência dos espaços físicos em que se apresentaram. Na verdade, para lá dos mais convencionais Pequeno Auditório do Rivoli Teatro Municipal (*Arte da Conversação*), Auditório do Balletteatro (*Fantástico Feminino*) e Salão Nobre do Teatro Nacional S. João (*Atmosfera Fumo*), os restantes espectáculos exploraram ambientes da cidade do Porto tão diversos – como diversos terão sido os diálogos artísticos estabelecidos com esses espaços – como a Livraria Lello (*A Audição*), a Galeria Canvas (*Há Engano na*

*Pessoa*), a Sala de Baile do Palácio do Bolhão (*Uma Casa Contra o Mundo*), o Quartel do Bom Pastor (*Dama d'Água*), o Salão Nobre do Museu Romântico do Porto (*Luto*) e o Atelier de José Rodrigues (*Então e a Música?*). Para lá da curiosidade despertada pela cenografia “natural” e carregada de história da Livraria Lello, do Museu Romântico do Porto e do Palácio do Bolhão, permito-me destacar esse extraordinário exercício de instalação do monólogo de Frank McGuinness num dos armazéns em desuso do Quartel do Bom Pastor, não só pela imaginativa utilização do vasto espaço habitada pela narrativa fragmentada de uma mulher longamente violentada, mas também, e sobretudo, pela dimensão verdadeiramente transversal daquele espectáculo de teatro, assombrado por algumas das mais marcantes experiências e práticas plásticas do nosso tempo, e servido por uma rara visão cénica, um eloquente desenho de som e uma interpretação tão empenhada como arrebatada de Emília Silvestre. Aquele trabalho de Nuno Carinhas sublinha uma outra dimensão importante deste projecto atmosférico, assente ora na colaboração com criadores cénicos convidados, como João Grosso (*A Audição, Há Engano na Pessoa, Luto*), ora na activação dos talentos dos próprios fundadores da companhia, como João Paulo Costa (*Uma Casa Contra o Mundo*), Jorge Pinto e Emília Silvestre. Outra das possibilidades permitida pela flexibilidade destes espectáculos tem sido a de contar com diferentes combinatórias de intérpretes, cruzando, por exemplo, o actor/cantor Jorge Pinto como o cantor/actor Luís Madureira (*Atmosfera Fumo*) ou a

atriz Emília Silvestre com a bailarina/coreógrafa/atriz Né Barros (*Fantástico Feminino*), ou permitindo ainda a colaboração com actores de diferentes formações e gerações como Alexandra Gabriel (*A Audição*), Mário Santos e Pedro Mendonça (*Uma Casa Contra o Mundo*) ou Romi Soares (*Há Engano na Pessoa*) e Paula Seabra (*Luto*).

Para lá da singularidade de cada uma destas propostas, une estes espectáculos um comum empenhamento lúdico e curioso, apostado na exploração de modalidades renovadas de construção da experiência teatral e na pesquisa de relações distintas entre as linguagens da cena, o texto, a voz, o espaço, etc. Para deles e nosso, tantas vezes imprevisto, mas sempre merecido, contentamento.

Paulo Eduardo Carvalho